

## Memórias na Pandemia

### MEMÓRIAS DE UM FUTURO EM DUAS EXPRESSÕES

A nossa geração global experimenta uma “enfermidade epidêmica amplamente disseminada”, sintetizada pelos dicionários na palavra *pandemia*. Coisa de humanos! Como pode uma palavra sintetizar tantas complexas e contraditórias dimensões humanas, tantas dores, tantas mudanças abruptas nas vidas, tantos temores e (des)esperanças? Não, não pode!

Seja como for, oferecemos duas distintas expressões do impacto da “pandemia” em nós. **Camila Brandi**, que condensou suas sensações relacionadas ao cotidiano do(s) arquivo(s), no exato dia 18 de junho; e **Isaura Bonavita**, em sua crônica lírica desaguada na poesia de Cora Coralina.

#### Reflexões sobre o impacto da Pandemia do COVID19 nos Arquivos

**Camila Brandi** | Diretora do Departamento de Preservação e Difusão do Acervo (DPDA), do Arquivo Público do Estado de São Paulo. E-mail: [camilabrandi@sp.gov.br](mailto:camilabrandi@sp.gov.br)

18 de junho de 2020. Noventa dias passados do início da desmobilização para o isolamento social. E ainda não é certo quando retornaremos plenamente.

A **reabertura** dos serviços presenciais é um **momento muito esperado**, por ser mais um passo em direção ao fim do isolamento e pelo fato de que guardamos documentos únicos, que em muitos casos só podem ser consultados presencialmente.

**Acolhemos as necessidades dos usuários do Arquivo e pesquisadores, mas precisaremos exercitar paciência e o respeito mutuamente.** A pandemia impõe à nossa atividade, **além da necessidade de cuidados protetivos diretos, cuidados com nosso acervo**, uma vez que ele também pode ser vetor de transmissão a outros usuários e à nossa equipe. Estamos nos empenhando para compatibilizar o atendimento com o menor prejuízo possível ao cumprimento dos protocolos de segurança e saúde pública.

Os desafios tiveram início em meados de março! Do dia para a noite todos tivemos que bater em retirada para nossas casas, mas antes, em meio a toda loucura, **era preciso cuidar do acervo**. Sem saber quando voltaríamos, ao acompanhar as notícias do mundo, **iniciamos uma série de medidas emergenciais:**

**Nenhum documento do acervo poderia ser deixado para trás em mesas de trabalho e fora dos depósitos.**

Era preciso montar **protocolos especiais de gerenciamento de riscos**, pois não estaríamos mais diariamente presentes para monitorar e fazer os procedimentos corriqueiros, como ligar pela manhã, esvaziar e desligar ao fim do expediente os desumidificadores.

Preparar material para **distribuir** à equipe em **teletrabalho**. E mais! Em muitos casos **redefinir atividades possíveis** de serem feitas **sem o manuseio físico do acervo**.

Começava a se impor naquele momento a **potência das tecnologias da informação** disponíveis em nosso tempo. Desde viabilizar a **comunicação** rápida com a equipe e a articulação diante das novas normativas, passando pela possibilidade de **acompanhamento dos trabalhos** e consolidação de relatórios de forma mais simples pelo uso de formulários online, monitoramento da **saúde** de nossos colaboradores e familiares, até a realização de reuniões por videoconferência e **fluxos de trabalho por e-mail e drives** compartilhados na nuvem.

Não parou por aqui. Era preciso mais! **Viabilizar o acesso remoto à rede, a alguns sistemas corporativos e**

**aos documentos digitalizados**, ampliou nossas possibilidades de trabalho, embora, dada a especificidade de nossas atividades, a impossibilidade de acesso ao acervo implique um enorme prejuízo em relação à execução de nossas atividades finalísticas.

Inventamos. Ou seria melhor dizer: estamos nos reinventando! Precisamos e é necessário que este **movimento seja coletivo**. Outras instituições congêneres, usuários, pesquisadores, público leigo que nunca soube da nossa existência, mas está em casa, quarentenado, às voltas com suas lembranças e documentos, prestes a passar um pano úmido qualquer em sua foto de família ou sem saber o que fazer com seus documentos digitais. Precisamos dialogar com todos.

Entramos ao vivo na casa de tantas pessoas, recebemos pelo *Facebook* perguntas de colegas próximos. Estreamos ao vivo, sem estarmos preparados, e **aprendemos formatos novos de eventos**, que talvez não experimentaríamos em tempos normais. A **Semana Nacional dos Arquivos (SNA)** produziu um sem-número de *lives* incríveis! Debutamos nesta experiência juntos. Professora Ana Maria Camargo, diversas instituições centenárias e pequenas instituições pelo país. Convidados de longe puderam participar. Esquinas virtuais para ricos e produtivos bate-papos arquivísticos, proporcionados pelas diversas plataformas de videoconferência, fizeram desta 4ª SNA **talvez a mais democrática e plural de todas**. Transmissões simultâneas em redes sociais complementares. Experimentamos.... e geramos muitos documentos digitais!

**Não seremos as mesmas pessoas, nem os mesmos Arquivos** depois de tudo isso. O mundo do trabalho ficará igual? Certamente não, o que impactará diretamente nosso objeto de trabalho: os documentos.

**Resistimos, sendo cautelosos, ao digital** pelo zelo à preservação e garantia de acesso de longo prazo aos documentos como fonte de prova e informação. Seguíamos bravos defendendo que as soluções incorporassem os requisitos arquivísticos, brigando para que gestores nos ouvissem e compreendessem que o barato pode sair caro e que, em se tratando de documentos, o prejuízo pode ser irreparável.

Agora **precisaremos ser ainda mais guerreiros**. Se o fascínio pela agilidade proporcionada pelas **TICs**<sup>1</sup> e a rapidez do crescimento deste mercado nos deixava sem prazos para nos apropriarmos do impacto da tecnologia no mundo dos arquivos, depois desta pandemia **é possível que as mudanças se acelerem**. **Ou será que teremos aprendido que desacelerar é o que precisamos fazer?** Que ciência não se faz sem construção e desconstrução de hipóteses. Que testes exigem seu tempo. Que para construir conhecimento é preciso tempo de criação. Que para se apropriar de um Fundo é preciso descer aos documentos, abrir e fechar caixas, revolver páginas e páginas, decifrar manuscritos, buscar a história que não está naquele mapa ou foto para compreender seu contexto e ser possível descrevê-lo para outros.

Talvez a pandemia nos deixe um **legado plural**. **O trabalho técnico tem seu tempo e é preciso respeitá-lo, mas, por outro lado, as tecnologias da informação vieram para ficar e precisamos fazer melhor uso delas**. Muitas vezes precisaremos aprender a chamá-las de amigas!

Como teria sido passar por tudo isso sem poder disponibilizar acervo e conhecimentos pela internet? **Estamos fechados, mas nos preparando para o momento de reabertura gradual e reconhecendo a importância de nos fazermos mais presentes em meio digital**.

Temos muita coisa que podemos compartilhar. Podemos **melhorar nossos sites**, visando enriquecer e agilizar a mediação de nossos acervos com os diferentes públicos. Não se pesquisa em arquivos como se pesquisa no Google, mas as **plataformas de acesso com robustas ferramentas de busca, se atreladas a um criterioso trabalho técnico** de descrição, indexadores e vocabulário controlado, amplificam as possibilidades e potência de uso e apropriação de nosso patrimônio.

Precisamos lançar mão dos canais de comunicação disponíveis para promover o que o Professor Eddy Put, em seu artigo “Uma flora dos Arquivos?”<sup>2</sup>, denomina de **alfabetização documental**, ou seja, auxiliar-ensinar nossos pesquisadores e usuários em formação a compreender “a riqueza e o potencial dos fundos”, a desvelar o “conteúdo oculto por trás de descrições formais de contas, de atas, de livros de resolução etc”.

<sup>1</sup> TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

<sup>2</sup> Eddy Put. Uma flora dos Arquivos? Pesquisa tipológica de fontes de arquivo da era moderna (séculos XVI-XVIII) In Revista do Arquivo nº10/2020, disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista\\_do\\_arquivo/10/pdf/artigo\\_eddy\\_put.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/10/pdf/artigo_eddy_put.pdf).

Nossos sites precisam ser claros, primar pela usabilidade e pela acessibilidade, além de fazer a mediação entre o rigor técnico de nossas normas e metodologias e os diferentes públicos. Desafiador trabalho em construção.

Temos muitos anos e **inúmeros terabytes legados de projetos de digitalização que precederam o tratamento arquivístico**, em tempos que talvez não fosse tão inequívoca a importância dos metadados e outros cuidados na criação dos objetos digitais (ou apenas não se ligava para isso). Faz-se urgente **preparar nossas instituições, criar as condições de gestão e preservação dos conjuntos digitalizados**. Para conseguirmos disponibilizar mais acervo digital, precisamos de infraestrutura, recursos e planejamento. Mais uma vez as TICs podem nos ajudar a processar e permitir uma reapropriação de parte importante deste legado que muitas vezes parece algo indecifrável, embora não seja mágica e o processamento exija importante empenho da equipe técnica. **Novos conjuntos** também são sempre bem-vindos, **escolhidos com critério**, atrelados ao tratamento arquivístico, de preservação e, não podemos esquecer, ao **cumprimento da legislação de proteção de dados pessoais**, ainda mais em se tratando da disponibilização de acervo na internet.

**Dar acesso com restrição de acesso!** Um bom mote para os Arquivos em 2020! Ano em que originalmente entraria em vigor a **LGPD**<sup>3</sup> e que entra para a história com a Pandemia da Covid19.

Este será o **nosso “novo normal”**. Com a possibilidade de novos períodos de isolamento social serem necessários, precisamos nos adaptar a dar acesso com restrição de acesso. Número controlado de consulentes na sala de pesquisa, com condições especiais de ingresso e permanência, necessidade de horários reduzidos, quarentena do acervo a cada consulente, servidores afastados ou por períodos mais longos em teletrabalho, possível crise de abastecimento de EPIs indispensáveis à execução de nossas atividades, avaliação de nossos sistemas de climatização, tão caros ao acervo e tão perigosos neste momento. Sem falar nos cuidados sanitários gerais, avaliação dos espaços físicos e dos fluxos de trabalho. Quanto tempo sobrevive o vírus no papel? E na políonda? E no plástico? (sim temos documentos plastificados em meio a um mar de papel e outros suportes!). Se não tivermos luvas para fornecer, permitiremos o acesso sem elas ou exigiremos que o consulente traga a sua de casa? Ou seria este um risco maior? **Inúmeros fatores que estamos discutindo intersetorialmente para a consolidação de protocolos de reabertura suficientemente detalhados para a indispensável orientação de uma reabertura segura.**

Tão cedo não será possível manusear livremente os instrumentos impressos na sala de consulta. O que nos faz refletir que, **mais acervo online é desejável sim, mas talvez o urgente sejam instrumentos de pesquisa online**. Ainda somos muito analógicos! Nossas salas de consulta ofertam instrumentos muitos antigos, simples listagens, controles que, em que pese não serem normalizados ou livres de limitações e dados, ainda servem ao firme propósito de desvelar fragmentos de nossos acervos.

O **atendimento** é outro serviço que sofrerá forte impacto. Nada como a dinâmica que se estabelece com o pesquisador na sala de consulta. Os caminhos da pesquisa são múltiplos e as escolhas muitas vezes são divididas no jogo que se estabelece presencialmente, entre o passeio pelos instrumentos, conversas, apresentação de outros documentos ou contato com outros pesquisadores. O **atendimento à distância** pode cercear parte desta troca, mas será necessário. Mesmo **o reduzido e controlado atendimento presencial agendado**, quando não for possível a consulta remota, terá algum prejuízo pela limitação de tempo e restrição de itens a serem solicitados. Caberá às equipes de atendimento o esforço de zelar por esta comunicação, buscar compreender as demandas, encaminhar os instrumentos e orientar sobre o acervo. Embora simpático o recurso de videochamadas, o bom e velho e-mail e, quando necessário, o telefone são as ferramentas mais importantes nesta atividade. Reuniões virtuais podem ser utilizadas, mas em situações mais pontuais. **Pontos redobrados de atenção** ficam para os documentos com alguma restrição, o fluxo de autorizações e termos de responsabilidade. Devemos considerar também que **solicitações de reprodução por demanda** de pesquisadores aumentará, tornando indispensável estabelecer **cotas individuais** e considerar este fator no **planejamento dos projetos de digitalização**.

Enquanto alguns serviços e trabalhos técnicos poderão ser executados com maior facilidade de forma não presencial, outros **ficarão suspensos na modalidade presencial** por maior tempo, como é o caso de cursos, eventos e visitas monitoradas. Algumas modalidades como **oficinas** práticas precisarão ser adiadas. Em outros casos precisaremos desenvolver **novos produtos**, como por exemplo, **visitas mediadas e exposições virtuais**, práticas já bem frequentes em museus, mas ainda iniciais em arquivos.

A imersão neste momento certamente deixará suas marcas. A necessidade de **incrementar nossa presença nos diferentes canais digitais, aproveitando as formas de comunicação, entra para a agenda de forma mais evidente**, não apenas com mais acervo digital, mas, principalmente, com mais serviços, instrumentos

<sup>3</sup> LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – Ver em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2018/lei/L13709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/L13709.htm)

de pesquisa, esforço de mediação, referência e difusão de conhecimentos gerados pela instituição. **Na base de tudo, o trabalho técnico criterioso de nossas equipes e o zelo por atender bem nossos usuários. Os desafios são novos! O momento é ímpar na história! Mas a base das soluções e caminhos que sustentará nossa criatividade é o legado técnico-arquivístico, bibliográfico e de preservação que vimos construindo dedicadamente ao longo dos anos.**

Já é dia 19! A noite passa rapidamente e nela é possível trabalhar com um pouco de tranquilidade, sem a necessidade de intercalar um pensamento com afazer doméstico, a atenção aos filhos de 7 anos lançados à frente de um computador ou querendo brincar de esconde-esconde, roupa, comida, poeira, higienização de cada item comprado no mercado e já um pouco de claustrofobia pelo isolamento. Este é nosso novo normal (no momento!). Mas estamos todos no mesmo barco, Arquivos do mundo e cidadãos de inúmeras nações. Do cansaço vai ficar uma lembrança apagada e teremos de saldo muito aprendizado e aprimoramento, além, é claro, de muitos documentos sobre a Pandemia da COVID19 para descrever e preservar!

## Pandemia na pandeminha vida

**Isaura Maria Ribeiro Bonavita I** Pedagoga pela Universidade Ibirapuera – UNIB, pós-graduada em Museografia e Patrimônio Cultural pelo Centro Universitário Claretiano. Email: [isahbonavita@gmail.com](mailto:isahbonavita@gmail.com)

Eram meados de março.

Dias quentes e ensolarados a se despedirem do verão, quando pela porta da fatalidade entrou a pandemia, assolando o dia a dia.

Em poucos momentos,

mesa fechada,

gavetas trancadas,

material guardado na mochila,

lá fui eu!

Um até logo,

ou até quando,

na incerteza da vida.

Trabalhar em casa, interfaces do inesperado,

Do desconhecido,

Do não sequer entendido.

De repente, novas ordens,

contra ordens,

férias estranhas,

silêncio profundo.

Passa o tempo. Desponta abril.

Em seus últimos dias, anunciando o outono,

O medo,

A incerteza,

A esperança,

O trabalho entre quatro paredes,

desinfetadas,  
limpas,  
perfumadas,  
começa a se fazer.  
Na rotina de um dia, na  
pandeminha existência,  
no lufa-lufa da limpeza,  
no lava-lava das máscaras,  
limpa maçaneta,  
sola de sapato,  
lava as mãos,  
o bate-bate do teclado,  
desvia a apreensão,  
dá amplitude ao pensamento,  
traz produção e renovação.  
Os dias se vão.  
As noites adentram a morada e o cansaço da lida traz  
o sono preocupado,  
o sonho agitado,  
pela distância do mundo,  
pela saudade de todos,  
de tudo,  
que nos faz um ser social.  
Quarentena se vai, atinge mais de cem dias.  
Nada nos traz a calma,  
a normalidade de vida.  
O ritmo diário segue sua cadência;  
desinfeta,  
    higieniza,  
        lava mão,  
            lava tudo.  
Lava a vida, ensaboa a incerteza,  
o desassossego,  
e em águas de esperança enxagua junto os medos,  
os pesadelos e ao sol suave e belo de inverno,  
seca as lágrimas e aquece a alma.  
Pandemia,  
Na pandeminha existência,

os dias passam,  
ao sabor da brisa,  
ao calor do sol,  
ao verde multi tom,  
no silêncio profundo,  
na calma da distância,  
na esperança de um novo amanhã.  
Pandeminha sobrevivência  
em tempos de incerteza,  
medo,  
e porque não dizer,  
de batalha para continuar a viver,  
faz verdade a sabedoria da idade:

“Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo  
muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.  
Não desistir da luta.  
Recomeçar na derrota.  
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos.  
Ser otimista.  
Creio numa força imanente  
que vai ligando a família humana  
numa corrente luminosa  
de fraternidade universal.  
Creio na solidariedade humana.  
Creio na superação dos erros  
e angústias do presente.  
Acredito nos moços.  
Exalto sua confiança,  
generosidade e idealismo.  
Creio nos milagres da ciência  
e na descoberta de uma profilaxia  
futura dos erros e violências  
do presente.  
Aprendi que mais vale lutar  
do que recolher dinheiro fácil.  
Antes acreditar do que duvidar.”

\*Cora Coralina. Ofertas de Aninha (aos moços). In: “Vintém de cobre: meias confissões de Aninha”. 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997, p.145.